

Journal do Domingo

REVISTA UNIVERSAL

DIRECTOR LITTERARIO—MANUEL PINHEIRO CHAGAS

ASSIGNATURA

50 réis á entrega nas localidades onde houver correspondentes; nas outras localidades de:

PORTUGAL, ILHAS E ULTRAMAR

Anno ou 52 numeros, 2\$500 réis; Semestre ou 26 numeros, 1\$300 rs.; trimestre ou 13 numeros 700 rs.; avulso 60 ra.

— ANNO II — 16 DE ABRIL DE 1882 — N.º 8 —

GERENTE-PROPRIETARIO—AUGUSTO DE SAMPAYO GARRIDO

Lisboa — Travessa do Monte do Carmo, 38, 2.º

ASSIGNATURA

BRAZIL

Anno ou 52 numeros, 7\$000 réis; semestre ou 26 numeros 4\$000 rs.; trimestre ou 13 numeros 2\$000 rs.; avulso 200 rs.

São agentes da empresa no Rio de Janeiro os srs. Lino & Faro, Rua do Ouvidor.

SUMMARIO

GRAVURAS:—Um pastor romano, O veado perseguido; O encontro (gravura do romance)
TEXTO:—Actualidades, por Pharés; As nossas gravuras, por P. C.; Domingo historico, por A. O.; Scenas da vida rustica, por Zacharias d'Aça, O nariz de D. João II, por P. C. Rosicler por J.E. S.; Um passado tenebroso.

ACTUALIDADES

E não queiram lá acreditar em maus agouros. Bem faz Eça de Queiroz que nunca entra em parte alguma sem avançar logo, cautelosamente, o pé direito, não janta em meza de treze pessoas, e em vendo um corcunda foge immediatamente d'elle, como a popularidade foge do sr. Arrobas.

No dia em que Raphael Bordallo partiu para Paris, os sinos da sua freguezia estiveram todo o dia a tocar a mortos.

O grande caricaturista impressionou-se muito com isto, e á noite, na *gare* do caminho de ferro, fallava ainda no dobre de finados, a Silva Pereira, que o acompanhára ao bota-fóra.

— Aquelles malditos sinos! disse elle já de dentro do wagon, quando o comboio estava para partir.

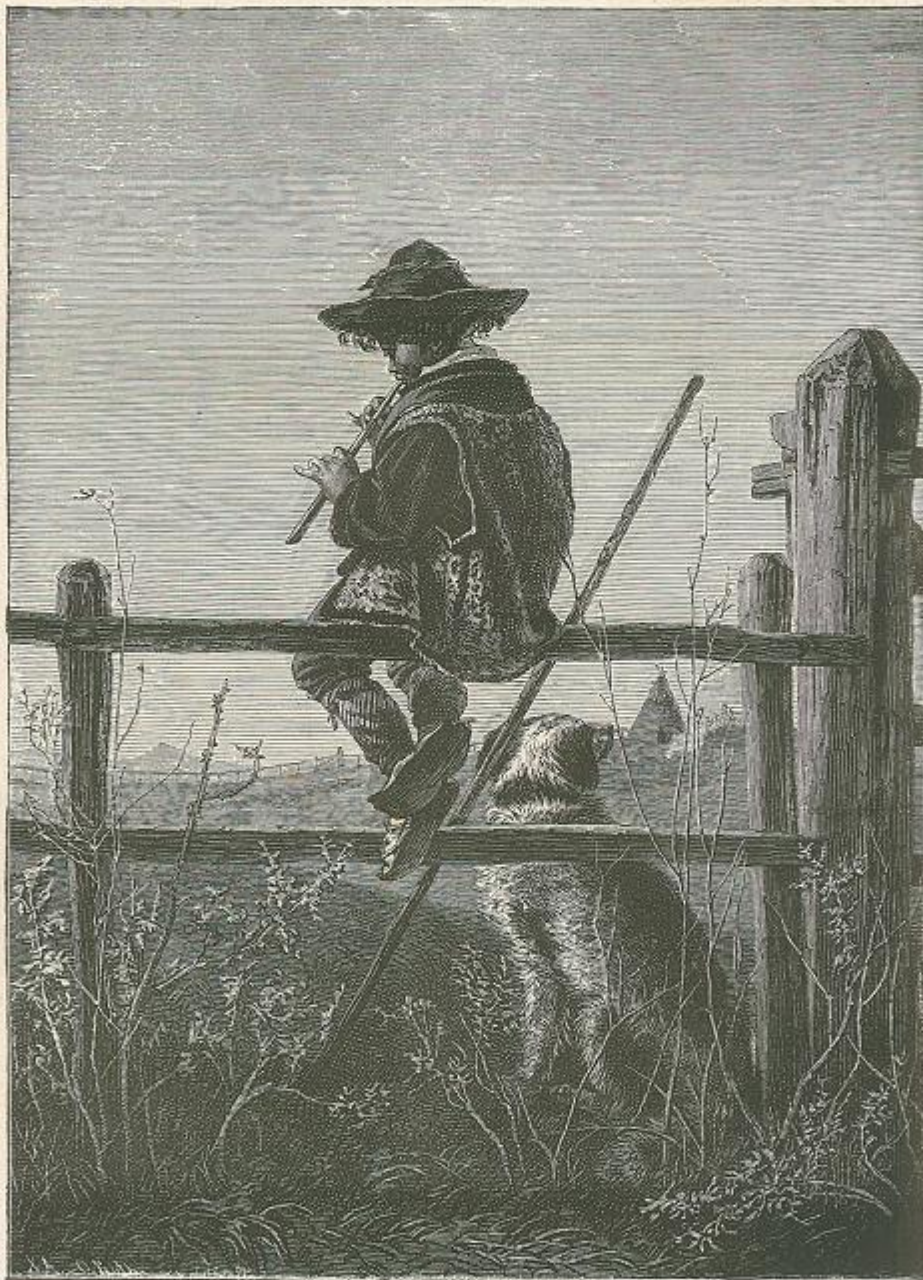
— Não penses n'isso! Que tolice! gritou-lhe cá de terra Silva Pereira.

E o comboio partiu.

Dias depois de Raphael Bordallo chegar a Paris soube-se em Lisboa uma noticia que contristou a todos.

— Está muito doente o Guilherme, escreveu de lá o illustre caricaturista.

A noticia espalhou-se rapidamente pelas redacções de jornaes, pelas caixas de theatros, por todos os centros de cavaco d'essa meia duzia de rapazes, que se importam com coisas de arte e de litteratura, que sabem o nome dos escriptores de talento, ignorando o nome dos cavallos que ganham premios nas corridas, e que se interessam muito mais por um



UM PASTOR ROMANO

poeta que faz uma bella quadra, que pelo toureiro, que mette um bom par de ferros.

— O que tem o Guilherme, o que é, é coisa séria, é coisa de cuidado? perguntavam todos.

A resposta que havia era vaga. A unica informação era a carta de Raphael Bordallo, carta laconica em pormenores.

O que se sabia era que Guilherme d'Azevedo estava mal, e que quando ali chegára Raphael, a primeira phrase que lhe dissera, ao cahir-lhe nos braços fôra:

— Ah! vens assistir ao meu enterro!

E ao ouvir essa phrase, Raphael Bordallo devia sentir ainda nos ouvidos os echos plangentes do dobre de finados, dos seus sinos de Lisboa.

Pobre Guilherme d'Azevedo! Mal pensava eu quando ha anno e meio me andei a despedir de ti, n'uma via sacra de jantares alegres, em casa do Alfredo Ribeiro, de Julio Cesar Machado, de Raphael Bordallo, quando devoravamos com um appetite de todos os diabos as esplendidas caldeiradas feitas pelo Julio — umas caldeiradas que te deixavam saudades immoredouras do Tejo de chrystal, como tu dizias, que essas caldeiradas que então me faziam crescer agua na bóca, me fariam hoje, ao recordal-as, vir lagrimas aos olhos; que essas noutes deliciosas passadas no melhor dos cavacos e com os melhores dos amigos, ainda um dia seriam uma das recordações mais tristes da minha vida!

É costume dizer-se sempre,

que as pessoas pareciam então que adivinhavam a desgraça que as esperava. Tu não adivinhavas nada d'isso, nunca te passou pela cabeça, quando nos abraçaste a todos, na *gare* de Santa Apollonia, que ias para o outro mundo com passagem por Paris, não pensaste um momento sequer que em Paris se podia adoecer e morrer: partias cheio de idéaes risonhos,

desdobrava-se diante de ti um futuro esplendido, côr de rosa, uma vida nova, de commoções inesperadas, de actividade febril, ias a trasbordar de planos de trabalho, de projectos de futuro, mas tu, que eras sempre alegre, que tinhas sempre o *dito*, que escondias cautelosamente todas as preocupações que ás vezes te atormentavam, que as occultavas, com o pudor nobre de quem não quer expôr tristezas serias ao contacto irreverente d'um dito leviano, ou d'uma consolação banal, sob a mascara perpetuamente folgazã, jovial, d'um humorismo que era ás vezes azedo, porque era artificial e fructo de muita força de vontade e de muito orgulho revoltado, tu n'esse momento da partida, não tiveste a phrase para rir nos teus labios tão acostumados a ella, estavas commovido, sem o querer, sentias que ias ter uma falta grande na tua vida nova, a falta dos teus amigos, a falta da tua familia, a falta da tua Lisboa, de que tanto te rias, sentias que era ridicula a saudade que já começava a apoquentar-te ainda nos nossos braços, comprehendias que era comica essa nostalgia da vida semsabor de Lisboa, começada já a sentir na *gare* de Santa Apollonia, mas não te podias furtar a ella, e quando os guardas fechavam as portinholas da carruagem, tu tinhas um sorriso amarello nos labios, um sorriso que bem se via que era feito de proposito para contrahir os musculos de modo que os não podessem alagar as lagrimas, e pela primeira vez na minha vida, eu, vi-te triste!

E quando sahimos todos da *gare*, diziamos uns para os outros, muito convencidos:

— O Guilherme não está por lá muito tempo! Não pôde passar sem isto! E' um passeio, mais dia menos dia está cá outra vez!

E o caso é que esta convicção com que estavamos, nos alegrava a todos, e enganava docemente a nossa saudade!

Não voltou.

Pensavamos que tinhamos ido a um bota-lôra, e fomos a um enterro.

Custa muito, a todos que viveram intimamente com Guilherme de Azevedo, o habituar-se á idéa de passar eternamente sem elle. Até agora isto era apenas um parenthesis. Elle estava em Paris, escrevia, raras vezes é verdade, mas escrevia de vez em quando, liam-se os seus folhetos nos jornaes, e ao lêl-os, a gente via-o a dizer aquellas phrases fazendo equilibrios com a bengala na palma da mão, via-lhe o seu olhar muito comico, atravez dos vidros da luneta, sentia-o ao pé de nós, e esperava todos os dias ao voltar d'uma esquina, encontra-o com o seu riso sempre engatilhado, a estender-nos a mão comprida, fria, um pouco inerte, *glissante*, e a encostar-se á parede, pachormentamente, para cavaquear sobre as coisas do dia, com o seu espirito sempre acerado, com aquella *verve* endiabrada, que deu á litteratura contemporanea portugueza, as suas mais scintillantes paginas de humorismo.

Agora essa esperança morreu n'uma das casas de saude de Paris, e Raphael Bordallo assistiu ao seu enterro como lhe dissera Guilherme d'Azevedo, e antes de Guilherme de Azevedo os sinos do Sacramento.

Guilherme d'Azevedo não tinha ahí todas as sympathias a que lhe davam direito o seu honrado caracter de rapaz, e o seu esplendido talento de escriptor.

É que Guilherme d'Azevedo não sabia viver: faltava-lhe o cartaz e sobejava-lhe a sinceridade.

Não pedia elogios nem os fazia, e isto é o diabo na nossa terra, e em todas as terras, no fim de contas.

A hombridade do seu character litterario, a honestidade com que dizia lealmente a sua opinião sobre todas as coisas, faziam-lhe inimigos encapotados, que não o guerreavam abertamente porque tinham medo da sua penna mordaz, mas que espreitavam com prazer os mais pequenos momentos de lhe poderem ser desagradaveis, sem que isso lhes trouxesse algum perigo.

Guilherme d'Azevedo alem das sympathias que alienava com a sinceridade do escriptor e do jornalista, com a franqueza com que dizia sempre o que pensava, com a graça com que cinzelava um epygramma e confeccionava uma satyra, não tinha no seu *feitio* o segredo de fazer rapidamente dos conhecidos amigos, de transformar n'um momento um estranho n'um afeiçoado.

Era reservado, mettido consigo, um pouco magico; estava sempre em guarda com tudo e com todos, para os estranhos a sua frieza silenciosa, servia-lhe d'escudo impenetravel, para com os conhecidos o seu humorismo sarcastico, era sua arma defensiva com que elle não deixava ninguem transpôr o terreno das expansões da amizade, o paiz dourado das intimas confidencias.

Ser amigo de Guilherme de Azevedo era uma honra que elle dava a poucos, ser seu intimo, a nenhum.

Na sua vida havia sempre um cantinho reservado em que ninguem entrava.

De resto, era um excellente rapaz, um companheiro delicioso, um amigo dedicadissimo para as pessoas de quem era amigo, mas nem a essas mesmo permittia o serem dedicadas para com elle, porque havia um limite fatal, em que todas as amizades mais intimas tinham por força que parar.

Esta reserva era tão grande, era elevada a tão alto grau, que passava de excentricidade, chegava a ser uma doença.

Um exemplo frisante.

Guilherme d'Azevedo era coxo, e era isto talvez por uma extraordinaria aberração de espirito, o segredo de todas as singularidades do seu character e do seu talento. Pois nunca ninguem nem o seu mais intimo amigo soube como é que elle era coxo.

Depois da sua morte é que se soube como elle ficara aleijado. Tivera em pequeno um tumor qualquer na perna, que mal operado lh'a fizera encurtar. Depois os resultados do tratamento errado d'esse tumor manifestaram-se logo, n'umas fistulas no alto da perna, na coxa.

Essas fistulas foram-se abrindo, fizeram-se chagas, e ninguem sabia d'isso. Guilherme d'Azevedo tinha o cuidado de lavar o sangue que essa chaga deixava na sua roupa d'uso, para que ninguem soubesse que ella existia. Adoece em Paris, os medicos veem-n'o, consultam-n'o, e elle a nenhum d'elles falla na sua chaga.

E em que estado estava já essa chaga, santo Deus!

N'um dos ultimos dias da sua vida, o medico quando entrou no quarto encontrou-o deitado no chão com os sentidos perdidos: uma syncope atirára-o da cama abaixo.

O medico levanta-o, deita-o na cama, mas repara que na camisa havia sangue. Vê, e encontra uma

chaga medonha, toda gangrenada já, escancarando a carne tanto que já se via ao fundo o osso começado a carear...

E era isso que o matava: e foi isso que o matou!

Pois Guilherme d'Azevedo nunca mostrou essa chaga a ninguem, nunca consultou um medico a esse respeito, occultou-a sempre, escrupulosamente como se fosse uma má acção, a ponto de preferir que ella o matasse a que alguém a visse.

O desgosto profundo, insensato mesmo, de ser coxo amargurava-lhe a existencia, fazia-o reservado, triste, e ás vezes mesmo azedo no meio da sua alegria.

E apesar de ser coxo Guilherme d'Azevedo andava que ninguem o podia acompanhar. Via-se em toda a parte, em todas as ruas, e de repente quando se estava n'um grupo, conversando, Guilherme de Azevedo dava uma reviravolta, e elle ahí ia, e quando a gente o procurava, era uma vez Guilherme de Azevedo, desaparecia no fim da rua.

Tenho escripto, escripto, escripto, deixando-me levar pelo gosto amargo d'estar aqui a recordar esse excellente rapaz que foi tantos annos, um dos melhores e mais alegres companheiros da minha vida de jornalista e de *flanêur*, de procurar fixar essa individualidade extranha e sympathica para quem a conhecia de perto, e as recordações pullulam ainda no meu cerebro, e as saudades enchem-me ainda o coração, e nada disse por enquanto da obra litteraria d'esse pobre rapaz que morreu no meio da vida, que foi forçado a descançar para sempre, quando mais havia a esperar do seu notavel talento, que não tem quem o substitua nas letras portuguezas.

Até agora Guilherme d'Azevedo tinha-se manifestado em tres generos differentes, na poesia, no theatro, e na chronica.

Na poesia era positivamente um moderno, mas um moderno com grande talento, e a *Alma nova* é a obra de um poeta de primeira ordem.

No theatro, Guilherme d'Azevedo deixa uma comedia deliciosa, que é uma das *charges* mais notaveis que a litteratura moderna theatral tem produzido — *O Rosalino*, a epopèa da *betise bourgeoise*, e apesar de ter feito uma só peça, e uma peça que cahiu na primeira representação, e que teve de ser refundida, para ter então um enorme successo de gargalhada, Guilherme deixou a sua passagem pelo theatro portuguez affirmada pela criação d'um typo, que é uma synthese de Calino, Prudhomme e mr. de La Paline, e que ficou pertencendo á comedia nacional.

Na chronica, Guilherme d'Azevedo fez uma completa revolução: transformou o genero já desacreditadissimo n'um dos generos de primeira necessidade no jornalismo portuguez, e os *Zig-zags* da *Gazeta do Dia*, os *Cri-cris* e as *Cartas d'um Birmano* no *Diario da Manhã*, as *cartas da Gazeta*, as *Lisboa á noite do Pimpão*, e as *Chronicas do Occidente*, o *Antonio Maria*, as correspondencias para a *Gazeta de Noticias* são verdadeiras obras primas de humorismo, não tem nada que as iguale na litteratura portugueza.

Isto foi o que fez em sete ou oito annos Guilherme d'Azevedo, e quando relembramos essas paginas de *verve*, temos a aggravar-nos as saudades pungentes do bello companheiro e amigo que perdemos, a lembrança de quantas paginas deliciosas de humorismo, quantas obras primas futuras não se-

riam enterradas no dia 6 d'este mez n'esse cemiterio de França, onde dorme o eterno somno o pobre Guilherme d'Azevedo!

PHARÉS.

AS NOSSAS GRAVURAS

Um pastor romano

Façam favor de comprimentar! Está alli apenas um garoto, um vadosito dos campos, um preguiçoso que assopra indolentemente na sua frauta pastoril, um insignificante pastor, um pegureiro, mas esse pastor é filho da Italia, mas esse pegureiro é romano, e esse fertil solo produz artistas como as rochas do Douro produziam uvas antes da invasão do phylloxera, e esse sol ardente accende na cabeça dos que o apanham a chamma do genio, como o sol da Andaluzia accende nos olhos das raparigas que o vêem a chamma da fascinação. Esse pastor é romano, entendem bem? Passeia com o seu gado por esses campos que o pé de todos os triumphadores pisou, sustenta o seu gado com aservas que alimentam com a sua substancia nutritiva os restos de todos os grandes artistas que enthusiasmarão a humanidade n'estes ultimos tres seculos! É certo que isso devia tornar artistas os carneiros, a verdade é que torna artistas os pastores. Expliquem o caso como entenderem.

Artistas, nem mais nem menos. Pois o que era o Giotto, o grande artista da meia idade? Um pastor. O que foram um grande numero de pintores, de esculptores, de poetas, de maestros, de cantores da Italia? Pastores, simples pastores. É historico, como se dizia nas *campainhas* de Meilhac e Halévy. O que era por exemplo ha sete ou oito annos esse Tamagno que nos arrebatou, que nos enthusiasmo em S. Carlos? Um pastor dos arredores de Milão, mas seria um pastor dos arredores de Roma, se não tivesse nascido na Lombardia, como diria incontestavelmente o cordato e perspicaz sr. de la Palisse.

Picco, esse admiravel cego, que esteve em Portugal em 1864 ou 1863, foi um simples pastor, e não terminariamos hoje se quizessemos citar todos os grandes artistas, que a gloria foi buscar ao aprisco dos seus rebanhos.

E' que a Italia é effectivamente a terra artistica por excellencia. Quando Castilho dirigio á Tedesco essa admiravel poesia, que ha-de perpetuar o seu nome em Portugal, quando já ninguem d'ella se lembrar por essa Europa, dizia-lhe:

Deus sorria, e nasceste, alvo espirito,
dos ethereos jardins rouxinol;
deu-te a lua o seu raio mais languido,
o seu raio mais fulgido o sol.

A' terra Ausonia, á terra dos triumphos,
das deidades, do amor, á noiva Italia,
que a larangeira em flôr, e os myrthos c'rôam
cabia dar-te o berço, outra hospedagem
de menos harmonia
quem baixava dos céus a engeitaria.

Teus celestes dons nativos
augmentaram-t'os na infancia,
d'esse ar puro alma fragrancia
mar argenteo, igneos vulcões!
essas glorias do passado,
esses mortos sempre vivos,
esse idioma enfeitado
que enamora os corações.

Escutas? Ouves musicas.
Pensas? E' só poesia.
Recordas-te? E' magia
Sonbas? E' sempre amor.
Já não te admiro, invejo te,
grão genio encantador.

Das sereias de Parthénope
supponho,
ao escutar-te, ouvir os canticos
em sonho.

Oh! se o prisco povo italico
te ouvira
o cantar, que interno oraculo
te inspira,
d'essas nove irmãs pierides
o altar
a ti só o havia unanime
votar

Pois os pastores, que vivem n'uma communhão mais intima com essa natureza fecunda, que vêem á tarde no horizonte incendiado como que os reflexos da palheta de Ticiano, que escutam nas melodias do crepusculo o echo dos canticos de Rossini, que lêem nas ruinas, entre as quaes pastam os seus rebanhos, a historia monumental das grandezas do passado, hão-de ter a alma compenetrada de todas essas inspirações melancolicas e sublimes, que fazem os grandes artistas. E ahí está porque te pedimos, leitor, que saudasses n'esse humilde e pequeno pastor do agro romano a chrysalida d'onde pôde brotar alguma d'essas borboletas maravilhosas da arte.

O veado perseguido

Ha uma fabula de Phedro perfeitamente mentirosa. Conta o famoso poeta que um veado, ao mirar-se no claro espelho de uma fonte, enlevou-se todo na belleza da ramada elegante que lhe ornava a cabeça, e todo se desgostou com a finura das suas pernas. Ouviu-se de subito o latir dos cães, partio a fugir o veado, e a ligeireza das suas pernas abriu uma distancia enorme entre elle e os seus perseguidores, mas, ao passar por um bosque, prenderam-se-lhe as pontas ramosas nos ramos de um arvoredão, debalde tentou desencilal-as, e colheram-n'os os cães. Logo, diz Phedro, o que o perdeu foi a belleza que o encantava, o que o salvou foram as feias e humildes pernas que desprezava.

E é mentirosa a fabula? Sem duvida alguma. Se o veado não tivesse as pernas ligeiras quem se lembraria de o caçar? Se tivesse só essa formosa ramaria que lhe adorna a cabeça, todos desejariam tel-o nos seus parques, domestico, tranquilllo, seria um feliz bruto ornamental como o cysne, e como este dá com a sua nitida alvura e a harmoniosa curva do seu pescoço um aspecto senhorial aos lagos dos jardins, ás alamedas verdes e sombrias dos parques, daria um aspecto fidalgo e encantador a elegante e fina cabeça d'esses formosos animaaes; mas a velocidade da sua carreira estimulou os caçadores. Quizeram todos apanhal-o, para terem o ardor e o entusiasmo da corrida vertiginosa, as commoções ardentes de um hippodromo em plenos bosques, e foi por isso que o elegante e inoffensivo veado, o veado que até gastronomicamente é um porato um pouquinho convencional, foi por isso que o veado se tornou um dos objectivos predilectos das caçadas reaes, foi por isso que se adestraram os cães a segui-lo, foi por isso que se desenrolaram nas tapadas essas longas choréas de monteiros, e caçadores, de cães, e de cavallos, que se despenham pelos montes,

que galgam as subidas, que se enovellam nas planicies, ao som confuso das trompas cynegeticas, do *hallali*, e dos latidos dos cães, e dos risos das damas, e dos gritos dos caçadores, e, quando, enfim, o cão mais feliz crava o dente nas carnes do nobre animal inoffensivo, que, no dizer da lenda, derrama então uma lagrima, deve o triste veado chorar, não, como lhe diz o semsaborão do Phedro, a formosura da sua ramosa cabeça, mas a ligeireza provocadora das suas finas pernas.

O DOMINGO HISTORICO

16 de abril de 1842—Execução de Mattos Lobo

Nos fins de julho de 1841, quando estava ainda presente na memoria de todos a execução de Diogo Alves e os crimes praticados por este facinora, a população de Lisboa acordou n'uma manhã sobresaltada com a noticia de um horroroso crime praticado na noite anterior na rua de S. Paulo e em que tinham sido victimas quatro pessoas das quaes duas eram menores.

Quem fôra o assassino? Qual o movel d'essa horrenda carnificina? O matador era um homem ainda moço e estudante da escola Polytechnica; a rasão que o levou a perpetrar tão barbaros assassinios não o pôde descobrir a justiça nem mesmo depois se pôde conjecturar com visos de não cahir em erro.

Francisco de Mattos Lobo nascera na villa da Assueira e depois de estudar as primeiras letras na sua terra natal e algumas disciplinas de instrucção secundaria em Sernache do Bom Jardim, viera para Lisboa com uma familia, á qual o prendiam laços de parentesco, e matriculara-se na escola.

Allegando o pretexto de haver fallecido a creada que o servia, pediu a esses parentes para pernoitar em casa d'elles por algum tempo, e na noite de 25 para 26 de julho depois de haver passado alegremente e sem de modo algum fazer presentir o que d'ahi a pouco havia de pôr em pratica, assassinou com a maior barbaridade a dona da casa, dois filhos menores d'ella e uma creada, fazendo em todas as quatro victimas sessenta golpes, servindo-se successivamente de uma navalha, de um punhal e de um fuso.

Acreditando que deixára todas essas pessoas já sem vida, recolheu-se á sua morada, mas a policia prevenida por um individuo que ouvira os gritos, e vira deitar á rua um cãosinho, entrou na casa em que se acabára de praticar o crime, e ouvindo as revelações feitas pelos filhos da dona da casa, quasi moribunda, em breve lançou a mão ao auctor de tão nefandos assassinatos.

Mattos Lobo, durante todo o processo, negou pertinazmente, e na prisão quiz mais de uma vez suicidar-se, mas não conseguindo realisar o seu intento, foi condemnado á morte e executado no Caes do Tojo, a 16 de abril de 1842.

No dia do supplicio o réu estava tão quebrado de forças, que foi necessario levar-o n'uma cadeira, e ao chegar ás escadas da forca, os algozes tiveram de o conduzir em braços. O prior de Marvão, um dos sacerdotes que o acompanhára nos ultimos momentos, cabiu fulminado por uma apoplexia, quando o exhortava a morrer chistamente, e o verdugo ao saltar para os hombros do enforcado, escorregou de maneira que a execução durou mais de um quarto de hora.

Todos estes factos deixaram uma grande impressão no publico, e para tornar conhecido o nome de Mattos Lobo, da-se ainda a circumstancia de ser esta execução a ultima que houve em Lisboa.

A. O

SCENAS DA VIDA RUSTICA

UMA TRAGEDIA NA CAÇA

Raymundo de Bulhão Pato

(Continuado de pag. 36)

II

Rompera a manhã d'um formoso dia de setembro de 18... O sol principiava a doirar a crista da serra; uma aragem fresca do norte corria pelos campos, ciciava nas ervas, e agitava os arbustos, espalhando no ar os mil aromas das florinhas occultas na espessura dos mattos e dos silvedos. Na atmosphera azul ferrete e limpa de nuvens ouvia-se o canto matinal da calhandra invisível, pairando, subindo e descendo nos ares, soltando as volatas e gorgeios da sua alegre canção. Tudo annunciava um dia esplendido e uma optima caçada.

Dava cinco horas um sino ao longe. O vasto pateo da bella vivenda d'um dos mais ricos proprietarios de T... tinha-se a pouco e pouco povoado d'uma multidão de caçadores e de creados, e por entre elles agitavam-se insoffridos dez formosos perdigueiros, que ora investiam com o portão, como se o quizessem levar de assalto, ora pulavam em volta dos donos ladrando, como para os despertar d'aquella aborrecida immobillidade.

Eram esses bellos animaes quasi todos *pointers* inglezes, então ainda pouco conhecidos em Portugal: pernaltos, elegantes e ardentes, tinham o craneo arredondado e proeminente, olhos grandes, cheios de fogo, ventas largas e humidas, a bócca sêcca, peito vasto, rins fortes e arqueados como os do galgo, a cauda fina e curta, as patas pequenas e nervosas, toda a musculatura extremamente desenvolvida, e desenhando-se vigorosamente debaixo d'uma pelagem finissima e rara.

Raça fidalga e independente, producto do galgo e do navarro hespanhol (*old spanish dog*), denunciava nas suas qualidades a sua dupla origem. Esbeltos, rapidos nos movimentos, distancendo-se do caçador, trabalhando quasi sempre a galope, e explorando em cinco minutos uma area em que outro perdigueiro gastaria meia hora, estes cães tinham herdado a celeridade do galgo corredor, o antigo companheiro, o lebrêo dos ricos senhores dos tempos feudaes; porém no tirar a ventos a caça, fazendo-a a distancias prodigiosas, na certeza das mostras, na firmeza do parar, mostravam possuir as solidas qualidades do antigo perdigueiro navarro, e que em nada tinham desmerecido com o cruzamento das duas raças, antes pareciam ter requintado nas suas perfeições.

Estava-se então no mais acceso da batalha entre os antigos e os modernos. Uns, os velhos, eram ainda pelo navarro, os novos eram todos pelo *pointer*. Quantos duellos, quantas apostas, quantas victorias, quantas derrotas!

O *pointer*, aventureiro desconhecido, invadira a Península pela primeira vez na comitiva dos officiaes inglezes de Beresford e do duque de Wellington, e, como elles, tambem se illustrou com altos feitos nas planicies e encostas de Torres Vedras! Se não trazia espada, elle proprio era uma espada, tão flexivel, e brilhante como uma folha de Toledo, e o seu nariz podia competir em alcance e certeza com os mais destros e experimentados *rifles* dos fuzileiros escocezes de Spencer e de Picton!

Como um meteoro o *pointer* brilhou, passou e desapareceu, mas não ficou esquecido na memoria dos nossos caçadores: alguns, mais intelligentes, procuraram conservar nos seus canis uma parcella d'esse sangue generoso, que tanto os maravilhou.

Tempos depois, na época da nossa historia, tornaram a apparecer estes heroes no campo das suas proesas, e ahí travaram renhida peleja com os representantes do passado, que elles pretendiam des-thronar. O velho espirito nacional oppoz-lhes o na-

d'este encarniçado duello entre as duas raças, que só devia terminar pela derrota e completa anniquilação dos fieis companheiros de nossos avós. Hoje o navarro portuguez puro não existe, pertence á historia. *Requiescat in pace.*

O estampido sêcco dos logachos annunciara a ultima scena d'esse primeiro acto, preparatorio obrigado de todas as antigas caçadas. O portão de ferro, que dava ingresso para o pateo, abriu-se de par em par, e toda a cohorte venatoria golfou impetuosa



O VEADO PERSEGUIDO

varro, cão de porte severo e magestoso, espadado e possante, mas vagaroso e demorado nos movimentos, — animal distincto pelas longas orelhas, que augmentavam as avantajadas dimensões da sua enorme cabeça. Grave e comedido, digno de figurar nas caçadas dos nobres e desembargadores do tempo d'el-rei D. José e de D. Maria I, havia entre elle e o cão inglez a mesma differença que entre um poema de Garrett e uma ode de Antonio Diniz—um mundo!

A caçada que tentamos descrever, foi mais um episodio d'essa longa campanha, mais um lance

para o campo, e estendeu-se logo em linha de atiradores com um garbo e firmeza verdadeiramente marciaes. Tambem isso hoje é raro.

Detraz d'elles ouviu-se outra vez o ranger dos gonzos e o som dos fêchos, que José Domingos, o velho caseiro, corria lentamente, ao mesmo tempo que ia seguindo com os olhos pasmados a ala dos brilhantes caçadores.

III

José Domingos, o tio Domingos, como lhe cha-

mavam no sitio, tinha visto muita coisa na sua longa vida de guarda de vinhas e de caseiro d'aquella quinta, mas curiosos assim é que elle nunca vira. (É este o nome porque era conhecida entre nós a respeitavel e numerosa classe dos amadores da caça; os outros são os chamados caçadores de contra-cto.) O bom do homem estava boquiaberto no pateo, quando os hospedes do seu patrão vinham descendo dos seus quartos, já equipados e armados, e mirava e remirava dos pés até á cabeça os trajos

mãos á cabeça como para conchegar o chapéo, gesto que lhe era familiar, e que n'elle correspondia a alguma profunda meditação, atravessou lentamente o pateo, e deu entrada na cosinha onde ardiam e crepitavam já na lareira os grossos troncos de azinho.

—Ora então, guarde-o Deus, sr. Antonio, disse elle dirigindo-se a um vulto que se destacava no fundo vermelho da chaminé, e que era nada menos do que o cosinheiro, individuo de grandes presumpções cu-

—Eu não sei lá se são ou deixam de ser, o que sei, e o que você não pode negar, nem ninguém, é a maneira por que cá o patrão os trata — e que é gente muito rica tambem é certo. Basta olhar para elles. Eu cá não sou como certas pessoas: sempre gostei de ver homens que sabem empregar o seu dinheiro. Sem fazer offensa a ninguém, cá nos sitios ninguém se apresenta assim. Elles hontem á ceia, ó Joanna, — continuou o caseiro, voltando-se para um canto da casa, — olha que não fallaram senão de espingardas de quarenta moedas, de setenta moedas. Eu sei lá!... Tambem elle é verdade, quando a gente vê assim uma coisa mais fina, — ainda que mal pareça, eu sempre digo — ha de ser estrangeira. Elle d'antes, tambem cá se faziam ricas armas. Eu, quando estive em Salvaterra, lá as vi: eram do sr. D. Miguel. Que riqueza d'espingardas, e como aquillo punha, santo Deus! Era como se a gente pozesse o chumbo com a mão!

Fallando e gesticulando, o tio Domingos fora-se chegando para a chaminé, e pegando n'um tição accendera o seu cigarro; depois silencioso principiou com o pau, tostado que lhe ficara na mão, a fazer pontos neeros na parede caida de fresco.

—Ahi está você a sujar-me a parede, vociferou fóra de si o Vatel sertanejo.

—Não é por sua conta, respondeu serenamente Domingos. Olhe, era assim juntinho que as espingardas de Salvaterra punham o chumbo.

—Ora esta! Para que havia agora de lhe dar! resmungou mestre Antonio. Se o patrão vê aquillo vae ahí tudo pelos ares: volta-se contra mim, e eu é que tenho que o ouvir! — e, virando-se para o tio Domingos que o olhava de soslaio e se lembrava do marmeleiro, continuou: Leve o diabo as espingardas! Você diz que custam 40 moedas! Então é um predio de casas que cada um d'esses homens leva ás costas! Já é mania! São 3 a 40 moedas — faz 200 moedas. 200! E acha que é bem empregado tanto dinheiro?! Hein! Pois eu não digo o mesmo. Aquillo fazia a sua fortuna ou a minha... e a elles de que lhes serve? Para andar por ahí aos tiros ás perdizes e aos cochos? Para isso qualquer chanfalho velho serve, — e mestre Antonio cheio de avaresa e d'inveja, apontava com o labio inferior desdenhosamente descahido, para a velha espingarda do caseiro enostada a um canto.

—Aquillo, sr. Domingos, ás vezes é a perdição d'um homem. Olhe que é.

—Jesus! Credo! Você sempre tem coisas, sr. Antonio! Não diga tal: nem pensar n'isso é bom! Longe vá o seu agoiro! Umias pessoas tão honradas e boas como aquellas. Deus os livre. Amen. E a voz dolente e cançada da tia Joanna, que rompera o seu silencio provocada pelas sinistras reflexões do cosinheiro baixou logo de tom, e continuou quasi sumida as suas rezas marcadas pelas contas escuras e polidas d'um velho rosario que lhe passavam vagarosas por entre os dedos ossudos e lustrosos, curtidos pelas geadas de sessenta invernos.

Ninguém replicou á velha caseira, e tudo caiu no mais profundo silencio: apenas se ouvia o estalar dos ramos verdes que se torciam na lareira. O tio Domingos pegou n'um podão, sobraçou a espingarda, e saiu em direcção da vinha, cantarolando uma velha cantiga. Mestre Antonio, depois de atirar o lume, mettidas as mãos nos bolsos das calças, ficou quedo e encostado á hombra da chaminé, e parecia, pelo vago do olhar e pela completa immobillidade do vulto, achar-se entregue a profundas cogitações sobre a injustiça da fortuna, que a uns dava riquezas fabulosas, e condemnava outros, como elle, á eterna

variados, ricos e pittorescos dos forasteiros. — Uma hora depois ainda estavam presentes aos seus olhos as altas botas á monteira, os calções de veludo azul ou folha sêcca, os coletes á franceza, e as caçadeiras curtas com os seus grandes botões de metal, onde se viam em relevo cães, veados e javalis, os chapéus baixos de feltro e de castor, as vistosas rédes, os cintos de coiro inglez, e sobretudo, — o que mais o deslumbrára, — as magnificas espingardas de dois canos, cinzeladas e doiradas!

Quando o tio Domingos voltou a si do extasis em que ficára, cerrou tambem o postigo, e, levando as

linarias e conhecido como um Harpagão em dez leguas á volta.

—Deus o guarde, tio Domingos.

—Que me diz d'esta gente, sr. Antonio? Isto é de uma pessoa ficar assim como quem diz *attolito!* Como estes ainda cá não appareceram nenhuns. Não, sr., como estes nenhuns, repetiu o velho.

—São alguns principes encubertos, respondeu o cosinheiro, que estava sempre em opposição com o seu interlocutor, apesar ou por crusa d'umas fricções de marmeleiro que o guarda lhe applicara certo dia em que elle se excedera.

manipulação do Perú recheado e do paio com ervilhas dentro do acanhado recinto d'uma cosinha provinciana.

E os nossos caçadores?

(Continua)

ZACHARIAS D'ÁÇA

O NARIZ DE D. JOÃO II

(Excerpto de um livro inédito)

N'um dos numeros da *Gazeta Litteraria do Porto*, escrevia Camillo Castello Branco, a proposito, se não me engano, d'uma carta inedita do cardeal d'Alpedrinha, um artigo em que o nosso grande romancista, negava a D. João II o titulo de *principe perfeito* com que a historia o gratificou, desejando que essa denominação fosse substituida pela de *algoz perfeito* que, na opinião de Camillo, mais justamente lhe compete.

Davemos confessar, que D. João II não peccava por grandes ternuras e que n'elle o coração era uma viscera frequentemente ociosa. Mas não creio que d'ahi devâmos concluir que seja absolutamente injusta essa denominação de *principe perfeito*. Quer ella commemorar, parece-me, os notaveis predicados politicos do filho de D. Affonso V. Ora, como a politica humanitaria não estava muito em voga nos fins do seculo XV, duas ou tres punhaladas vibradas a proposito, meio cento de cabeças decepadas no cadafalso, e algumas duzias de enforcados mais por aqui mais por além, não eram coisa que podesse manchar a reputação d'um principe.

Que D. João II apunhalou o duque de Vizeu é incontestavel, mas cem annos antes D. João I, a quem de certo não se negam elevadas qualidades de espirito e de coração, apunhalou com muita limpeza o conde Andeiro, e nem por isso a historia o deixa de louvar, e de o apregoar *principe de boa memoria*.

O seculo XV ainda não conhecia outro meio de cortar as grandes questões que não fosse a violencia. O derramamento de sangue não inspirava o horror que hoje inspira, e a vida dos homens era mais facilmente barateada.

Demais, se vamos a avaliar com o coração os actos de todos os politicos de que a historia apregoa o nome, poucos encontraremos a quem possâmos applaudir sem reserva. Não fallemos já em Luiz XI, e comtudo a historia não deixa de reconhecer, que debaixo do chapellino de imagens de chumbo havia uma cabeça de pensamentos elevados; mas venhâmos a Richelieu, e confessemos que o grande ministro de Luiz XIII, se fôrmos a avaliar os seus actos por esse modo, tem de depôr o titulo de grande, diante das reclamações de Montmorency, de Chalais, de Cinq-Mars, de Puy Laurens. Desçâmos ao Marquez de Pombal já proximo de nós, e confessemos tambem que, se os gritos das victimas bastassem para abafar a voz da fama, a decima parte das que elle immolou seria sufficiente para que o titulo de *grande Marquez* lhe fosse revogado pela posteridade.

Lamentemos que os estadistas notaveis nem sempre sejam nobres corações, mas, distinguindo entre o principe e o homem, não neguemos a D. João II o titulo de *principe perfeito*.

Ora o que eu devo confessar é que, prestando essa homenagem a D. João II, nunca tive esperanças de o vir a encontrar n'uma lista de santos, e não foi pequeno o meu pasmo quando, abrindo ao acaso

a Historia de S. Domingos, do nosso velho fr. Luiz de Souza, encontrei um capitulo assim intitulado:

«*Em que se faz memoria de alguns signaes e testemunhos classificados da virtude de el rei dom João segundo que n'este convento (da Batalha) está em deposito.*»

A virtude de D. João II! Em boa verdade, eu julgava que elle, durante a vida, nunca aspirara a conquistar o premio, que Monthyon, seculos depois, fundou na academia franceza. Mas em fim fr. Luiz de Souza é que o diz, e fr. Luiz de Souza, mesmo quando conta os milagres de fr. Gil de Santarem, é homem digno de todo o credito.

Li, e formei logo tenção de ferrar com o capitulo do frade nas bochechas de Camillo Castello Branco para o ensinar a tratar mais reverentemente um santo homem, que, sem ter sido embalsamado, ao cabo de cento e vinte e cinco annos, conservava o «seu corpo tão inteiro como no dia que falleceu sem lhe faltar mais que a ponta do nariz!»

São palavras do reverendo frade. Ora agora o que nós vamos aqui discutir, e pôr em pratos limpos, é o motivo porque faltava a ponta do nariz ao regio cadaver de D. João II.

Ja se vê que a providencia, que permittiu assim que se conservasse inteiro o corpo, até 1621 pelo menos, para edificação de fr. Luiz de Souza e maravilha nossa, não o desnariava sem causa especial e forte. E' claro, é evidente que o nariz de D. João II commetteu algum peccado de marca maior.

Mas o nariz é, em geral, um membro inoffensivo. A bocca pôde proferir aggravos ou calumnias, nos olhos lampeja o odio, ou esconde-se a traição, os pés e as mãos são em geral cúmplices das violencias e dos crimes; o peccado em fim, qualquer que elle seja, pôde servir-se de todos os membros da fragil humanidade, mas o nariz... é um membro virtuoso, e, se algum bisbilhoteiro o mette nas vidas alheias, é apenas metaphoricamente.

Direi mais, o nariz é um membro impassivel; pôde a ira dilatar as ventas, mas levemente, como o sopro longiquo da procella, que revolve o oceano, enrugando de manso as aguas do lago tranquillo; tambem a indignação o avermelha ás vezes, mas é isso o reflexo da nuvem purpurea que invade o rosto. Em geral o nariz assiste, como espectador distrahido, ás comedias e aos dramas em que o homem se envolve. Punil-o por um crime qualquer, que o seu dono pratique, é, em quanto a mim, uma injustiça flagrante, de que julgo a Providencia incapaz.

E comtudo o facto ali está palpavel, incontestavel. O corpo de D. João II estava intacto, menos a ponta do nariz. Ó Jehovah, tu que respondeste a Moysés quando elle te interrogou no alto do Sinai, tu que fallaste com David, tu que conversaste familiarmente com os prophetas israelitas, sem exceptuar o porcalhão do Ezechiel, responde-me tambem agora: Porque fulminaram os raios da tua ira o nariz de D. João II?

O nariz de D. João II! Está talvez n'estas palavras a chave do enigma. Seria esse membro um nariz vulgar? O homem que demolia os castellos da nobreza, não teria, entre os olhos e a bocca, uma capulta, ou antes um verdadeiro ariete?

Tinha talvez, e ahí vemos nós a explicação do caso: D. João II, em vez de matar o duque de Vizeu a punhal, como geralmente se julga, matou-o mas foi ás narigadas.

Por isso o nariz foi punido.

Mas não pára ainda aqui a humilhação de Camillo Castello Branco. Fr. Luiz de Souza, que o adivinhava, jurou confundil-o completamente.

A santidade de D. João II era tal que nos officios que se faziam ao seu cadaver, não se gastava a cera, por mais que ardesse. Ora em 1570, quer dizer quasi oitenta annos depois da morte do rei, era prior da Batalha fr. Francisco da Orta, mestre em theologia, homem serio e grave, que, da mesma forma que fr. Luiz de Souza, não dava credito senão a coisas que o merecessem. Quiz verificar a historia da cera. Mandou pesar vinte e seis tochas, e vio que o peso era de cinco arrobas e sete arrateis e meio, depois mandou-as accender, e foi resar o officio.

«Arderam ás vespervas que foram cantadas, e depois no dia seguinte a todo o officio, missa e prégação. Acabada a solemnidade, pesou-se de novo a cera diante dos mesmos padres, e acharam que do primeiro peso não quebrava mais em todas as vinte seis que um só arratel, porque pesaram, depois de ardidias, ao justo cinco arrobas e seis arrateis e meio. D'esta maravilha, que por tal foi havida por todos os que presentes foram a um e outro peso, mandou o prior fazer auto publico em que assignaram elle e os mais».

Sim! não é lá dizer, o caso está documentado. Duvidem os scepticos, eu creio firmemente, porque sou dos que juram na veracidade de fr. Luiz de Souza. Depois d'este argumento da cera o que ha de Camillo Castello Branco trazer a terreno? Persistirá ainda em negar a D. João II o titulo de *principe perfeito*? Em presença d'este milagre tão evidente, o que pode dizer o nosso grande romancista?

Pôde dizer, e então é que eu me calo, que a Providencia, no caso acima citado, não fez mais do que pôr em pratica o proverbio: «Que não se deve gastar cera com ruins defuntos».

Assim seja.

PINHEIRO CHAGAS.

ROSICLER

NA PASSAGEM DA PROCISSÃO

Alem desponta a enorme multidão,
Ondeante como a vaga da procella:
De subito, me surge a uma janella
Um vulto divinal, uma visão!

Trémulo o corpo, a alma em commoção,
Timidos olhos ouso fitar n'ella:
Vaporosa, divinamente bella,
Zarail, fôra aquella apparição:

O trémulo Pendão passado ia;
Moribundo, Jesus se approximava,
E a triste mãe em prantos o seguia.

Da janella elegante em que se achava,
Commovida... sobre essa lage fria
Uma virgem ante outra se prostava!

Santarem

J. E. S.

EXPEDIENTE

Temos a satisfação de annunciar aos nossos estimaveis assignantes e correspondentes, que ficam promptas no dia 25 do corrente, as capas em percalina vermelha com letras douradas, a que nos referimos n'um dos ultimos numeros. Continuamos a receber qualquer requisição.

UM PASSADO TENEBROSO

(ROMANCE PELO AUCTOR DA HEROINA DO MAL)

I

Entre as familias, que em virtude do cerco de Paris foram para Bruxellas durante o inverno de 1870 achavam-se Justino Desherbiers, sua mulher e uma rapariga que tratavam por neta.

Escolheram habitação em uma das ruas proximas da igreja de S. Marcos, em Schaerbeek.

Desherbiers era um bonito velho, que parecia ter pelo menos setenta e cinco annos; a estatura elevada, o corpo ainda direito, a barba e os cabellos brancos, a limpidez do olhar e a serenidade das feições, o modo de trajar sempre apurado, tudo n'elle inspirava sympathia e respeito. A mulher, de idade pouco mais ou menos igual, e que tinha por nome Euphrasia, como grande numero de burguezas parisienses, contrastava de todo o ponto com elle. Baixa, excessivamente gorda, vestia-se de uma forma pretenciosa, o que ainda punha mais de manifesto a vulgaridade do rosto e das maneiras. Uma linguagem trivial vinha certificar o observador de que ella nascera no fundo d'alguma loja de mercearia ou de algum quarto de guarda portão.

Paulina, a neta, era o que se póde chamar, em toda a extensão da palavra, uma bella e nobre creatura. De vinte annos aproximadamente, alta, admiravelmente bem feita, era dotada de uma physionomia, que alliava á regularidade mais perfeita o que quer que seja de expressivo e de mobil, que arguia uma natureza a um tempo sensível, impressionável e energica. Junte-se a tudo isto opulentos cabellos escuros, olhos de um negro aveludado, voz meiga e harmoniosa, uma educação aprimorada. Todavia quem podesse observá-la na intimidade, facilmente havia de notar uma extravagancia de genio, que a fazia passar alternadamente e sem causa conhecida, d'uma alegria louca para uma negra melancholia.

Esta familia vivia muito retirada, ainda que as suas despesas diarias, e a casa, em que moravam, denotassem mais do que fartura.

Nos arredores havia muitos emigrados da grande capital, porém os Desherbiers não tinham relações intimas senão com uma rapariga viuva, também parisiense, mas que já habitava na Belgica havia dois ou tres annos. Chamava-se Celestina de Trénoy, e o marido, major no exercito francez, morrera, segundo ella dizia, no campo da batalha em Magenta. Paulina afeiçoára-se vivamente a esta senhora, e todos os dias saíam juntas.

Bruxellas, como se sabe, tinha recebido no seu seio, depois do desastre de Sedan, grande numero de militares francezes. Os que durante a convalescença se mostravam ao publico eram objecto da curiosidade e sympathia de todos os habitantes. O Parque era o lugar em que principalmente se reuniam; lá é que também passeiavam de preferencia Paulina Desherbiers e sua amiga, e é facil adivinhar o interesse que lhes infundiam os seus desgraçados compatriotas.

Havia um que entre todos lhes ferira mais a attenção. Pallido, magro, com o braço ao peito, o seu ar de soffrimento realçava mais a expressão viril de um rosto, que era o indicio de um caracter de rija tempera. Parecia ter trinta e cinco annos, e o andar vagaroso e compassado fazia sobresahir melhor a elegancia das fôrmas e altivez do porte. Não trazia nenhuma insignia militar, e estava sempre só.

As duas mulheres tinham tal curiosidade de saber alguma coisa a respeito do sympathico mancebo, que um dia foram sentar-se no banco, onde se acha-

va um official, a quem faltava uma perna, para o interrogar.

— Não o conheço, respondeu o amputado; mas disseram-me que é um nobre, que entrou no exercito como voluntario, e que foi gravemente ferido no combate de Givonne.

— Sabe onde elle mora?

— Não sei; e perguntando por elle a alguns camaradas, só me puderam dizer o que já referi.

Nos dias seguintes Paulina e Celestina de Trénoy procuraram em vão o compatriota, que tanto as impressionava. Não o viram. Como o frio e a neve não consentiram que ellas continuassem os seus passeios, esqueceram-se completamente do elegante voluntario.

Celestina occupava-se um pouco de pintura, e travára relações com um dos nossos mais distinctos paisagistas, M. V., que morava n'uns quartos por cima dos seus. Apresentou-o em casa dos Desherbiers, e o pintor encarregou-se de dar lições a Paulina.

Quando chegou o mez de maio, o artista preveniu que ia passar algum tempo no campo para estudar. Perguntaram-lhe que logar tinha escolhido; respondeu que era Hastière, aldeia situada no valle do Mosa, entre Dinant e Givet, e de que fallou como de um sitio agradabilissimo. Partiu no dia seguinte.

O tempo estava magnifico, e Paulina dizia frequentes vezes ao avô:

— Como deve ser bella a natureza no campo! Como ha de fazer bem viver alguns dias na aldeia, de que M. V. fallava com tanto enthusiasmo.

Depois accrescentava:

— Visto que estamos resolvidos a prolongar a nossa estada na Belgica, porque não iremos passar algum tempo em Hastière? Além de eu poder continuar as lições, havia de fazer-nos muito bem a todos tres... A vida lá não é mais cara do que aqui... pelo contrario. Além d'isso, não me atrevo a passear no Parque nem nos Boulevards depois d'aquelle maldito encontro... Receio que me tenha reconhecido, e que lhe dê na cabeça seguir-me.

— Tens razão, interrompeu vivamente Desherbiers; uma pequena villegiatura será uma distracção e uma utilidade para todos nós. Amanhã vamos ter com o pintor.

II

Hastière fórma duas aldeias distinctas, que se estendem sobre as duas margens do Mosa, uma de frente da outra. A parte situada sobre a margem direita foi em tempos antigos propriedade de uma rica abbadia de Benedictinos, cuja fundação remontava aos fins do seculo IX, e que foi roubada e incendiada em 1568 por calvinistas francezes vindos em socorro do principe de Orange. Entre os fragmentos, que ainda restam, encontram-se bellos especimems de architectura romana. Mas a parte d'esta localidade, geralmente escolhida pelos estrangeiros, é a chamada Hastière-la-Vaux, porque arrimada a uma bella montanha, tem uma situação agradabilissima, e numerosos passeios alegres e aprazaveis.

Foi ahí que n'um hotel modesto fixou a sua residência o paisagista, bem assim a nossa familia framceza.

Paulina, que tinha o sentimento da natureza, mas conhecia apenas os arrabaldes de Paris, nunca viria coisa comparavel aos sitios, que por toda a parte se lhe apresentavam. Nos primeiros dias consagrou-se «d'alma, vida e coração» a admirar-os, obrigando os avós a acompanhá-la até aos pincares mais escarpados. Mas o que aconteceu? Os dois velhos cança-

ram-se de tal modo, que já lhes não era possível dar um passo

O pintor V. offereceu-se duas ou tres vezes para acompanhar a rapariga; porém ella comprehendeu que seria verdadeiro sacrificio para um homem, que desejava estudar, e além d'isso já velho, pouco agil e d'um caracter bastante melancolico.

A parisiense, por isso mesmo que sentia no fundo d'alma uma necessidade imperiosa de solidão, entendeu que não havia inconveniente em passear só-sinha por montes e valles.

Um dia, depois do jantar, tendo passado o rio, foi seguindo a corrente até defronte de Waulsort. Essa parte, é apenas atravessada por um pequeno atalho, ás vezes apertadissimo entre a agua e a montanha, erigido de rochedos, e coberto de arvores.

A intrepida rapariga proseguiu o caminho, tendo resolvido visitar as ruinas de Chateau-Thierry. Mas pouco tempo depois, perdeu o caminho transitavel e achou-se embrenhada em espesso matagal, no meio de pedras enormes, que lhe obstruíam a passagem.

De repente viu-se deante d'um rochedo batido pelas aguas, ao longo do qual fôra inutil pretender passar.

Ja retroceder, quando ouviu um forte marulho na agua.

Olhou, e foi tomada de grande sobresalto ao vêr-se rosto a rosto com um homem barbado, casaco de riscado, chapéu baixo e um sacco a tiracollo.

Á primeira vista comprehendeu que não era um camponez; mas esta circumstancia, longe de tranquillizá-la, ainda a perturbou mais, sobretudo porque um retiro puro e simples n'aquelle logar era impossível.

Estava no cumulo da perturbação do espirito, quando o desconhecido, descobrindo-se e cumprimentando como homem de sociedade, disse-lhe com voz agradável e optima accentuação:

— Não se assuste, minha senhora... naturalmente perdeu-se no caminho, e ser-me-hia muito agradável mostrar-lh'o.

— Effectivamente não posso... murmurou a rapariga.

E parou repentinamente fitando com attenção o interlocutor, que accrescentou:

— Mais uma vez, minha senhora, não se assuste; sou um pobre pescador á linha, que viu o seu instrumento arrebatado por um peixe, e que em vão procurou tomá-lo. Isto explica a situação, em que me encontra... Mas o que me humilha profundamente, é o triumpho alcançado pelo peixe sobre o homem.

Paulina continuou immovel e em silencio.

— Então, minha senhora, tornou elle, dá-me licença que a acompanhe? Olhe, lá em cima, aquelles barqueiros, que pararam quando a viram. Um d'elles até já saltou em terra, e tem ar de quem está esperando... São más rezes.

— Reconheço a sua bondade, retorquiu Paulina, com os olhos sempre fixos no desconhecido; é certo que perdi o caminho, mas ser-me-ha facil... Não sou medrosa... não se incomode...

— Bem, exclamou sorrindo o pescador, havia de ser difficil, pois, como já declarei, estou completamente desarmado.

E dizendo isto, dirigiu-se para bordo.

A rapariga recuou alguns passos, tendo sempre o olhar tão gravado no homem, que elle finalmente deu por isso.

Passando por entre dois rochedos enormes, que os separavam, encontrou-o novamente na sua passagem:

— Agora, minha senhora, disse elle em tom factivo, uma de duas: ou accetar-me por seu guia, ou ficar só n'este logar deserto. Entre dois males deve-se preferir sempre o menor... He sita?

— Não, senhor; quero sahir depressa d'aqui; nem eu sei como não comprehendí que andava por caminho errado. Queria visitar as ruínas de um velho castello, que ha lá em cima.

— Nada; presentemente vivo em Givet, mas percorro muito os arredores, pescando, herborisando, desenhando, etc.

— Dá-me licença que lhe faça uma pergunta?

— Creia, minha senhora, que terei a maior satisfação se puder responder a tudo o que me perguntar.

— Não esteve em Bruxellas o anno passado?

Passados alguns instantes, replicou:

— Então é militar? serviu n'esta guerra nefasta?

— Sim, minha senhora, como voluntario; mas por desgraça fui posto fóra de combate em Sedan, e com grande custo pude arrastar-me até á fronteira belga, d'onde fui levado para Bruxellas.

Paulina e o companheiro chegaram finalmente a Hastière. Quando o barco deitou ferro quasi de-



UM PASSADO TENEBROSO.—O encontro

— Bem sei; não é por aqui que devia tomar; por este lado é impossivel chegar lá!

— Então, o melhor que tenho a fazer é voltar para Hastière.

— É o meu caminho, respondeu o pescador, que principiava a andar adiante da rapariga. Depois acrescentou:

— Eu já sabia da sua estada na aldeia; fallaram-me n'isso ha dois ou tres dias.

— Deveras? tambem mora lá?

O pescador pareceu surprehendido.

— Estive, respondeu elle; e posso saber como...

— Oh! é muito simples. Eu sou franceza... passei muitas vezes no parque, encontrava feridos da minha nação, que naturalmente me inspiravam interesse.

— Comprehando... E eu tive a felicidade de receber tambem uma pequena parte d'esse interesse...

Paulina Desherbiers não respondeu.

fronte do hotel, o pescador disse á rapariga com tom decidido:

— Dá-me licença que a acompanhe até sua casa? Parece-me conveniente que eu proprio explique a seu pae e sua mãe... Além de que, é optima occasião, que tenho de travar relações com dois compatriotas.

— E elles terão tambem occasião de juntar os seus agradecimentos aos meus. *(Continúa).*